



VIOLÊNCIA

Senador Wilder defende que União ajude Estados a custearem a Segurança

FIRMINÓPOLIS

Prefeitura faz repavimentação com emenda de R\$ 250 mil enviada pelo senador Wilder



CERRADO



Goiânia, SÁBADO, 13 de fevereiro de 2016

- www.wildermorais.com.br
- facebook.com/wildermorais
- instagram.com/wildermorais
- twitter.com/wildermorais

DONA LOZA

A heroína do saber que nasceu das cinzas



Praça Manoel Firmino dos Santos, em Firminópolis, cidade onde Dona Loza criou a família

Revista Bula.com

CHORAR VALE MAIS QUE UMA BOA DOSE DE TRANQUILIZANTES



Quando anoitece e a razão escurece, ascende clara a ferida. São dias em que a alma sente dor, uma dor tamanha que é impossível ignorar. Então a gente chora. Chora sim. A gente se socorre no choro, enquanto tenta fazer escorrer em lágrimas o que precisa sair, descer ou desfazer. O choro é chuva que varre a dor, é uma atrevida tentativa de fazer a tristeza fugir do olhar. Enquanto escorre, a lágrima faz curva na angústia, faz o instante condoer-se em dilúvio. Chorar é fazer as palavras caírem dos nossos olhos. É dizer o que, em certos momentos, se encontra indizível.

A gente chora também porque se despede, porque se lamenta, porque se comove, porque o filme era lindo. Choramos baixinho, dentro de um quarto em solidão ou por detrás de um abraço de despedida no aeroporto. Soluçamos pela lembrança que dói ou que alimenta. Ao reviver em memória o último beijo, o irrevogável tempo de infância, a conversa que não terminamos, o abraço sobran-te no braço, a família que está longe, aquele que se foi. Choramos como pedido de ajuda ou como estratégia para ser-

mos olhados — quando o mundo parece ocupado demais para prestar-nos atenção. Choramos porque nos sentimos sozinhos, quando todos se divertem em viver, e nós naquele instante, não. Choramos de medo dos monstros que dormem em nossos quintais a nos assombrar. Choramos de raiva porque tudo deu errado naquele dia. Choramos por solidariedade ao mais fraco, por empatia ao que sofre. Porque nos reconhecemos nos olhos dos pedintes, esmolando além do pão, um trocado de misericórdia. Choramos porque amamos intensamente e desejamos ser amados, e nem sempre somos. Alguns choram em segredo, quando a única opção é ser forte. A alma plange, soluça na intimidade recolhida do escuro. É, existe dor que é sigilo. No entanto, existe choro que regozija, onde a alegria que não cabe mais por dentro há de sair pelo transbordamento.

De todo modo, choro é alívio pra alma. É a gente colocando a mão por dentro da garganta a desatar o nó. Shakespeare diria que chorar é diminuir a profundidade da dor. Acho mesmo que é dar a palavra ao que se encontra sem nome dentro de nós. O choro é a vertigem da palavra, ela entonte-

ce e fica trancada — escassa — e o sentimento só consegue sair em rio, quando a comporta se abre. E desce, escorregando na face, deixando na cara lavada a nossa humanidade. Há quem diga que homem não chora. Ora, os homens não têm olhos e tempestades por dentro? E ainda ouvimos: Pare de chorar a-go-ra! Engole o choro! Pra mim, pranto engolido transmuta em fome demasiada, em angústia, em ferida, vira gastrite, vira enfermidade pra alma. Choro contido vira gelo, impedia as entranhas, nos enrijece enquanto criatura humana. Seca a gente por dentro, enxuga as nascentes dos rios que nos habitam. O pranto é um resto de mar que cura. Os que se retraem a chorar rasgam palavras, se livram de comunicar aquilo que o indizível não deu conta de representar. E por qual calçada vai descer essa torrente, já que não descai pelos olhos? Os que não choram se colocam mais perto de adoecer, por isso, chorar pode valer mais do que uma boa dose de tranquilizantes.

Se eu tiver que chorar, choro hoje, choro agora. E à vida digo, eu devo dizer: sim, eu vou lhe dar o enorme prazer de me ver chorar. Amanhã, bem cedinho, me costuro. E rio. Eu sei me navegar.

Estação
11

Márcio Luciano, uma história de sucesso no rádio

Em qualquer área o bom profissional se faz com o tempo. São anos a fio de estudos, trabalho e conhecimento para se chegar no topo da carreira. Tem sido assim com Márcio Luciano, radialista do primeiro time que dirige duas importantes rádios: a *Boas Novas AM*, de Firminópolis; e *Educativa FM*, de Inhumas. Nessa receita de sucesso profissional ele acrescenta pitadas de dedicação, força de vontade e empenho em fazer o melhor.

A história de Márcio começou em Goianésia, quando ele tinha entre 14 e 15 anos de idade, atuando na *Rádio Vera Cruz*. A identificação com a profissão foi imediata. Logo ele foi convidado para trabalhar em Jaraguá. Não pensou duas vezes. Outro convite, outra cidade. Desta vez em Itaguaru. Até que chegou em Inhumas, umas das principais cidades da Região Metropolitana de Goiânia. Já são sete anos como diretor e locutor por lá.

O trabalho de Márcio na rádio *Boas Novas* é recente. Mas o

sucesso é total. Ele é diretor da rádio que tem quase que 100% de sua programação voltada para o público evangélico. Mas há programa político e esporte. Com seus 16 anos na profissão de radialista, Márcio não esconde a satisfação pelos objetivos conquistados. A *Boas Novas* tem boa audiência também em São Luís de Montes Belos, vizinha de Firminópolis.

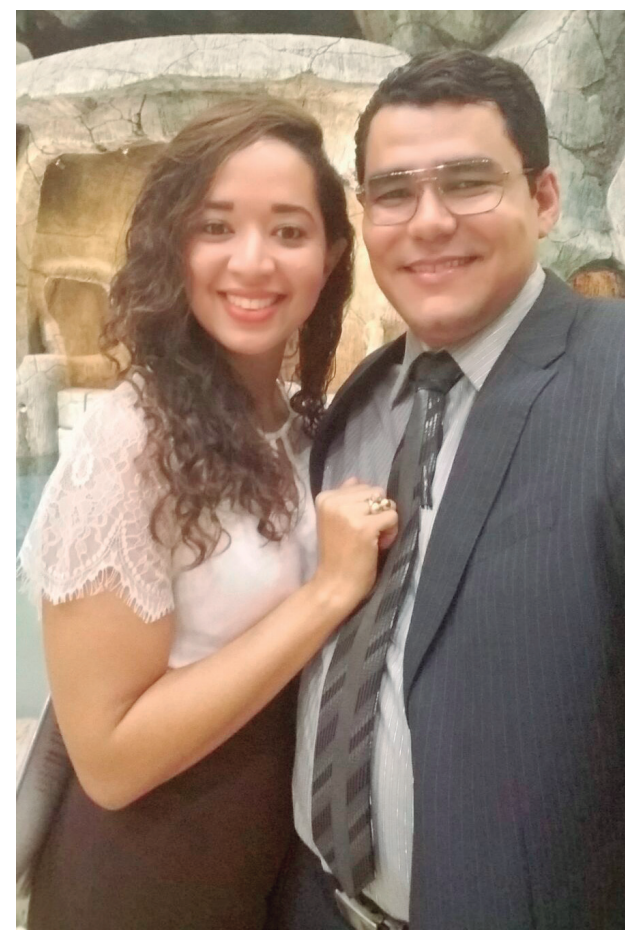
Isso pode? Claro, o que determina o alcance e o sucesso de uma programação de rádio é a sua audiência. “Por isso vale a pena fazer rádio com carinho, amor e muita dedicação”, ensina Márcio, para lembrar que em Firminópolis a maior parte da grade de programação da rádio é voltada para o público evangélico.

Preocupado com o futuro do rádio, especialmente agora com o advento da internet, Márcio cobra dos governos mais incentivos. Afinal, diz ele, o rádio nunca deixará de ser rádio. É o único veículo de comunicação em que você pode

acompanhar ouvindo. “Deitado na rede, sentado no sofá, andando de carro ou de bicicleta. Fazendo comida, trabalhando, pescando você ouve rádio. É simples e moderno ao mesmo tempo, além de objetivo”, defende ele, para dizer que um veículo de comunicação tão importante e com uma história bonita não pode perder espaço, especialmente, segundo ele, as rádios comunitárias.

Márcio Luciano, que está cursando Direito, avalia que o rádio faz parte da história do Brasil. Em todos os momentos da sua história, em todas, as cidades, povoados ou nos mais distantes lugares, lá está um rádio a levar informação, conhecimento e entretenimento à população. “Isso nos ensina a gostar ainda mais de fazer rádio, com carinho e muita dedicação, respeitando sempre o nosso público, que é, afinal, o nosso principal objetivo”, finaliza o radialista.

Ao lado, foto de Márcio com a esposa, Raquel Marques.



CERRADO

Informativo diário do gabinete do senador Wilder

Brasília
Senado Federal – Ala Sen. Afonso Arinos – Anexo II
Gabinete nº 13 – CEP 70165-900 – Brasília-DF
Telefone: (61) 3303-2092/Fax (61) 3303-2964

Goiânia
Rua 88, nº 613, Qd. F-36,
Setor Sul – (62) 3638-0080/(62) 3945-0041

Editor
Thiago Queiroz

Reportagem
Sinésio Dioliveira, Welliton Carlos,
João Carvalho e Rafaela Feijó

Capa
Tico-tico-rei-cinza e crista-de-galo

CRIMINALIDADE

Hora de encarar com firmeza a violência



Senador Wilder discute economia da violência

Engenheiro por profissão, o senador Wilder pensa nos cálculos e custos: "O policiamento ostensivo impede a ocorrência de diversas espécies de crimes. E isso vai interferir no custo do processo penal e no custo das investigações. Sem crime ou com a redução destes, o país teria uma economia incalculável. Essa economia da violência é que precisa tocar o gestor público".

O senador cita o caso dos Institutos de Medicina Legal (IML) do país. Para ele, existe déficit e um dos motivos seria exatamente o aumento da demanda por conta da epidemia de homicídios no Brasil. "Veja você que nenhum estado brasileiro tem o índice aceitável de homicídios, que é de dez por 100 mil habitantes. São Paulo tem chegado perto. Mas o restante é 25, 35, 45 e algumas regiões chegam a 70! Isso cria demandas e gastos no aparato científico da polícia e no poder Judiciário".

Wilder lamenta mortes de policiais

O senador Wilder lamenta as mortes de policiais que ocorreram em Goiás nos últimos dias e destaca o caráter de bravura de todos que defendem as corporações, muitas vezes sem sequer pensar no risco a que estão submetidos.

Wilder afirma que muitos policiais e familiares não sabem, mas existe reconhecimento deste risco por parte dos poderes públicos. "Não discuto que o profissional de carreira deva ser muito bem remunerado, o que hoje é bem distante daquilo que desejamos. Mas pelo menos algumas mudanças ocorreram", diz.

Wilder se refere, por exemplo, ao mecanismo legal criado em 2015 para tornar crime hediondo o assassinato de policiais. As penas podem chegar a 30 anos de prisão. "E muita gente não sabe, daí a necessidade de divulgarmos mais este tema na imprensa. Crimes contra maridos, mulheres, companheiros e parentes até terceiro grau também passam a ser hediondos, se forem motivados pela profissão do policial", informa o senador.

WELLITON CARLOS

A violência não escolhe mais as vítimas no Brasil. A cada minuto ocorrem furtos, estupros e homicídios que colocam o país dentre os mais violentos do mundo. Nos últimos dias, ocorreu o pior: até mesmo os policiais tornaram-se vítimas da agressão dos criminosos. Um policial federal, dois civis e três militares foram brutalmente agredidos em Goiás. E com um saldo de mortes que fere as corporações e deixa alarmadas as instituições públicas.

No centro da discussão sobre violência não faltam opiniões divergentes. Desde a década passada, o especialista Sérgio Adorno, da Universidade de São Paulo

(USP), já tem listado uma série de questões para o Brasil resolver neste setor. O pesquisador indica que na própria sociedade brasileira existe a contraposição de um mito da cordialidade com a vida real – uma sociedade violenta em todas as instâncias. Ou seja, a primeira solução é aceitar que o Brasil é, sim, violento e buscar as raízes para enfrentar um problema que já é histórico no país. Assim, ao figura do brasileiro cordial seria um mito a ser repensado.

Para Adorno, a questão da violência é mais complexa e não abrange apenas a simples mudança das normas. "Jamais se presta conta para a sociedade da eficácia das instituições e da aplicação das leis. Até hoje não

foi feita uma avaliação da eficácia do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Ele trouxe uma evolução, mas não temos dados certos e determinados sobre isso. Mas não acho que ele não possa ser aprimorado, melhorado", diz.

Para o senador Wilder Morais, que tem se destacado na apresentação de projetos de lei sobre segurança pública, a mudança legislativa criminal realmente não é suficiente para lidar com as várias facetas da violência. Todavia ele sugere que as instituições devem ser vigiadas e reguladas, inclusive no tocante às suas funções. "É fato que a União investe pouco em segurança pública. E isso precisa ser modificado. O próprio governador Marconi

Perillo tem batido nesta tecla: a União precisa assumir sua parcela de responsabilidade, que mexe com toda a sociedade. Ele lembra bem: as drogas motivam parte da violência no Brasil. E de onde chegam as drogas? Das fronteiras, cujo patrulhamento é função do Governo Federal".

Wilder se refere à necessidade de que seja firmado um novo pacto federativo. "Temos informação de que a União investe menos em segurança do que um estado como São Paulo. Isso é um absurdo. Dados do Fórum de Segurança revelam um cenário preocupante. E parte dos especialistas já se posicionou favorável a que a União também ajude os estados no combate da violência", diz Wilder.

Mais investimentos da União em segurança e melhor aplicação dos recursos

O ex-secretário de Segurança Pública do Distrito Federal, Arthur Trindade, em evento da Universidade Federal de Goiás (UFG) realizado no início do mês, confirmou a necessidade de se pactuar uma presença maior da União nos investimentos de segurança: "Acho que é o mais correto. Mas é preciso também que a União fiscalize estes recursos repassados aos Estados".

Trindade é especialista no combate de violência e professor

da UnB, onde realiza pesquisas sobre segurança pública.

Wilder também concorda com a presença maior da União, principalmente com o aporte de recursos. O senador goiano afirma que muitos projetos que tem apresentado já visam exatamente chamar a União para o debate da segurança pública.

E uma das propostas do senador diz respeito ao policiamento ostensivo. Um dos projetos indica que seja assumido em lei

o compromisso de que cada estado tenha um policial para cada 300 habitantes. "O Brasil é um dos países em desenvolvimento que menos investe em segurança pública. Logo, o pouco que se investe costuma ser mal aplicado", diz. Para ele, o projeto de lei apresentado no Congresso Nacional, que visa regulamentar o parágrafo 7º do artigo 144 da Constituição Federal, é mais um empreendimento imediato, de curto e médio prazo. "A solução

para o problema da violência é social. Não temos dúvidas disso. Agora, a ostensividade nas ruas é algo necessário e ocorre em qualquer lugar no mundo".

Em recente levantamento do IBGE, o Brasil apresentou um policial para cada grupo de 473 moradores. Para Wilder, o estágio atual de violência no país exige maior ação ostensiva – que é mais barata para o Estado do que outros gastos da escala que se produz após a prática do delito.

SEGURANÇA

Apreensão de armas de fogo em Goiás cresce 71%

O aumento na quantidade de apreensões de armas de fogo ilegais é um dos resultados alcançados através do fortalecimento das ações preventivas deflagradas pela Polícia Militar em todo o Estado.

No primeiro mês do ano, a PM retirou de circulação um total de 324 armas de fogo. O número é 71% maior do que o do mesmo período anterior, com 189 apreensões regis-

tradas. A corporação efetuou ainda 324 apreensões de drogas, recapturou 419 foragidos da Justiça e recuperou 1.560 veículos com registro de furto ou roubo.

De acordo com dados do sistema de controle e acompanhamento das atividades operacionais (Gescop), a PM abordou em janeiro mais de 36,8 mil pessoas, vistoriou 20 mil veículos, 7,9 mil moto-

cicletas, 1.041 mototáxis, 821 táxis e 540 ônibus.

COMBATE À CRIMINALIDADE

Para o comandante-geral da PM, coronel Sílvio Benedito Alves, a integração entre as forças de segurança e o trabalho focado nas áreas, horários e dias que apresentam maiores incidências criminais, refletem no aumento na quantidade de apreensões e redução dos indicadores.



FIRMINÓPOLIS

A heroína que transformou cinzas em saber

NILSON GOMES

Quem transita pela Avenida Goiânia, no centro de Firminópolis, testemunha uma homenagem mais do que merecida. A via abriga, desde 23 de janeiro, a Unidade Básica de Saúde Dona Loza. O município precisava do equipamento público e a evolução da sociedade depende de reconhecimento como o prestado a Luzia Maria de Barcelos. Agora é nome de UBS, mas poderia batizar colégios por todo o Brasil. "O que a Dona Loza fez pela Educação ultrapassa as fronteiras da cidade", diz o senador Wilder Moraes, que participou em Firminópolis da inauguração do prédio ao lado da família e outras autoridades. "Parabenizo ao município, ao prefeito Leonardo Oliveira e a todos daqui [de Firminópolis] pela justa lembrança a essa heroína", qualificou o senador Wilder.

Nas terras férteis do Oeste goiano, Dona Loza semeou bastante e, é fato, heroicamente. Chegou a Firminópolis depois de se casar em Minas Gerais com José Manuel Pereira, o Juquinha. Foi uma lua-de-mel com o saber – que durou até 31 de maio passado, quando Deus precisou de Dona Loza. Juquinha foi primeiro, 47 anos antes. Nesse quase meio século, a viúva se revelou a heroína à qual o senador Wilder se referiu.

O casal teve oito filhos (Elza, Divina, Benedito, Lourdes, Wilmar, Maria de Fátima, Rubens e Nair, que subiu à glória seis meses antes da mãe). Dona Loza, que nunca frequentou a escola, trabalhou ao lado do marido para proporcionar a todos eles a Educação de que não dispôs. Maria de Fátima, a Fatinha, conta como a mãe foi desde menina a lutadora que veio de Minas. Na casa de palha da família Barcelos não havia papel nem caneta ou lápis, mas tinha muito esforço. Nas noites, após chegar da roça, seu João, o pai da pequena Loza, espalhava no chão batido da cozinha as cinzas tiradas do fogão caipira. João pegava um graveto e rabisava no piso tosco as letras que a filha percorria com os dedinhos até decorar. "Assim a minha mãe aprendeu o alfabeto", diz Fatinha.

A fase seguinte, como a próxima série na escola, foi compreender no que dava a junção daqueles símbolos. Ali, apenas nos rótulos das latas, como as de querosene, havia palavras. E neles Seu João ensinava Lozinha a ler. O mesmo nível de dedicação Dona Loza usou com seus meninos e meninas. Quando Seu Juquinha morreu, Fatinha estava com 11 anos e se recorda da mãe trabalhando por dois, com a garra de cem, somando em si quantos fossem necessários para o bem-estar da meninada.

Fatinha conta, entre emocionada e saudosa, dos tempos difíceis superados pela garra da heroína. Podia faltar tudo, e faltava, menos alimentação e o material escolar. Queria seus meninos na escola. Mudou-se para a rua, sinônimo de cidade.

Em Firminópolis, sinônimo de cidade acolhedora, Dona Loza se dividia com a roça e se multiplicava para garantir o pão e os livros. Plantou e colheu. Dois de seus meninos são médicos, não apenas médicos: doutores em gente. Uma gente que chega com um dos grandes males do século, o câncer, e é tratada por Rubens e Wilmar. Outro de seus meninos, Benedito, o Tito, é procurador federal. Fatinha se recorda de que a mãe escolhia os cursos para os filhos – ela mesma é geógrafa por escolha de Dona Loza. "É tão bonito", achava a mãe. Fatinha se achou na Geografia. A mãe tinha tino para orientação vocacional.

Já se imagina a trabalhadeira da viúva pobre, com oito crias para sustentar, tendo que nutrir não apenas as barrigas, mas também os sonhos. Wilmar e Rubens saíram para Goiânia tendo apenas o sonho e a barriga, o sonho da Medicina, a barriga da miséria. Moraram em quartinhos, divididos com outros estudantes. Enquanto isso, em Firminópolis, Dona Loza criava frangos e os vendia para manter seus meninos na capital. A primeira prova de que os acadêmicos de Medicina haviam melhorado de vida foi quando se mudaram para um barracão de fundo de quintal. Oba!, dois cômodos só para eles e a Fatinha. Que vidão, hein...

Vidão, viu. "O Wilmar e o Rubens nunca tiveram mais que um terno", relembra Fátima. Por terno não se entenda o conjunto de paletó, gravata, calça e camisa sociais. Terno de Wilmar e Rubens era composto por calça, camisa e cueca – uma de cada. Bate, torce, seca e veste. A citada melhora ocorreu quando Wilmar usou as poucas horas fora da faculdade para dar aulas em cursinhos preparatórios para vestibular. Torceram o pescoço da crise em Goiânia e os coitados dos frangos puderam ter algum sossego em Firminópolis.

O coração de Juquinha era maior que o corpo e, ao surgir problema no coração, o corpo não suportou. O coração de Dona Loza resistiu às emoções mais candentes. Foi à formatura dos filhos, viu-os crescendo como profissionais – os médicos chegaram à direção de órgãos importantes no país, como o Hospital do Câncer e o Cebron, duas unidades de referência nacional em oncologia; o filho procurador é elogiado na Universidade Federal de Goiás; a filha geógrafa teve cargos igualmente destacados; as outras quatro filhas também só deram orgulho a Dona Loza. E do que ela mais se orgulhava era de ver felizes todos os oito – aliás, oito, não, nove: comemorou a chegada a octogenária adotando um bisneto, Guilherme (e foi mais acerto de seu coração: Guilherme ficou com ela, cuidou dela, deu-lhe carinho como se filho fosse, deu-lhe atenção como o filho que de fato era, esteve com ela até o AVC fatal – foi também um acidente vascular cerebral que levou Nair).



O senador Wilder participou da inauguração de asfalto e da Unidade Básica de Saúde Dona Loza



Dona Loza é homenageada pelos filhos, o prefeito Leonardo de Oliveira, o senador Wilder e outras autoridades



Momento de grande emoção para Dona Loza: posse do filho Wilmar na Academia Goiana de Medicina



Dona Loza com a filha Lourdes; a filha da Lourdes, Adriana; a filha da Adriana, Barbarah; e a filha da Barbarah, Deborah. Cinco gerações: matriarca, tataraneta, bisneta, neta e filha

Senador Wilder a compara à própria mãe, Dona Angélica

O senador Wilder elogiou Dona Loza por sua atuação na cidade e pela prole. Comparou a mãe de Fátima à sua própria, Dona Angélica, que ficou na máquina de costura dia e noite em Taquaral para ajudar nos estudos em Goiânia. Na cerimônia em Firminópolis, as meninas de Dona Loza pediram a Wilder que lhes mostrassem a foto de Dona Angélica, que o senador carrega na carteira e no celular. As heroínas se igualam na biografia e nos troféus que Taquaral e Firminópolis ostentam: os filhos das quatro (as duas mães, as duas cidades) são os espelhos para as crianças que como Lozinha não têm sequer dinheiro para comprar caderno e como Angélica nunca tiveram sequer casa para morar.

Wilder, o filho de Dona Angélica, retribuiu o que a vida lhe proporcionou ajudando projetos sociais. Os filhos de Dona Loza também retribuem colaborando

com a comunidade. A Unidade Dona Loza vai ser um link com o Hospital Araújo Jorge, o do Câncer, onde trabalham Wilmar e Rubens. Ótimo para Firminópolis, excelente para a esperança de cura.

Eleva-se também a esperança no ser humano, sobretudo em seres humanos que desfrutaram em casa da lição necessária. Fatinha, a geógrafa, protagonizou com o marido, Edelzito Júnior, o Zito, mais um gesto digno de Dona Angélica e Dona Loza. Tempos atrás, o filho único, Lucas, que desejava ser jogador de futebol de seu Atlético, passou no vestibular para Medicina numa faculdade particular de outro Estado. Perderam o futuro craque que lhes daria milhões, ganharam um estudante que lhes daria despesa. O rendimento mensal de Zito e Fatinha era insuficiente para os gastos. Que fazer, meu Deus? Fizeram o que Dona Loza e Dona

Angélica teriam feito: venderam seu único imóvel, o apartamento em que moravam, e foram viver numa casa cedida pela empresa patroa de Zito. Reservaram o dinheiro todo para mensalidades, livros e outros investimentos do estudante. Lucas fez o que se espera de um neto de Dona Loza: já terminou o curso e está fazendo residência em radioterapia. Se ainda estivesse aqui, a avó estaria mais orgulhosa do médico Lucas do que se ele fosse o jogador atleticano Luquinha.

De agora em diante, quem passar pela UBS na Avenida Goiânia vai ter o gesto involuntário de reverenciar a mulher forte e abençoada cujo nome está ali no alto do prédio. Ela merece não apenas batizar uma unidade de saúde ou quantas escolas aparecerem: Dona Loza merece que seu exemplo se espalhe por Firminópolis, por Goiás, pelo Brasil.